



A CATEGORIA “VALOR”, O CONCEITO DE “VALOR-CLIVAGEM” E O TRABALHO DOMÉSTICO FEMININO SOB O CAPITALISMO: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O FEMINISMO MARXISTA DE ROSWITHA SCHOLZ, ANGELA DAVIS E CINZIA ARRUZZA

Palavras-Chave: Valor; Feminismo; Marxismo

Bolsista: Maria Clara Oliveira Bellotti - IFCH/Unicamp
Orientador: Ricardo Luiz Coltro Antunes - IFCH/Unicamp

INTRODUÇÃO:

Essa pesquisa teve como objetivo a investigação do trabalho doméstico feminino não-remunerado a partir de pensadoras marxistas, pensando como três diferentes teóricas entenderam o lugar desse trabalho na dinâmica de reprodução do capital. A questão inicial era: “Como pensar a categoria marxista de “valor” para análise do trabalho doméstico realizado por mulheres?”, formulada a partir do entendimento de que os trabalhos domésticos não-remunerados de reprodução social constituíam um debate dentro da teoria marxista e feministas e de que o “valor” e a produtividade ou não desses trabalhos seriam centrais na discussão. Ao longo da pesquisa foi constatado que a centralidade da categoria escolhida como fio-condutor é em si um ponto de divergência entre as teóricas estudadas.

A hipótese formulada no projeto de pesquisa era a de que as teorias estudadas poderiam ser complementares entre si e que o conceito da “valor-clivagem” poderia servir também de fio condutor para sobreposição das correntes teóricas contempladas na pesquisa, contudo, isso não se concretizou. O estudo da obra de Roswitha Scholz teve como resultado a constatação que haviam divergências metodológicas fundamentais entre essa autora e as duas outras selecionadas (Arruzza e Davis) para o projeto, principalmente no que diz respeito ao entendimento das categorias de “valor” e “trabalho”, Scholz não é uma teórica marxista.

Entretanto, a investigação da obra dessas três autoras feministas (Scholz, Arruzza e Davis) possibilitou a localização de cada uma nesse amplo debate norteado pelo tema do

trabalho doméstico não-remunerado e amplamente feminino. Além disso, o estudo dos escritos de Cinzia Arruzza serviu como porta de entrada para o conhecimento da Teoria da Reprodução Social, promovida por ela, Tithi Bhattacharya, Lise Vogel e outras teóricas. Por fim, a leitura da obra de Angela Davis agrega ao debate uma perspectiva focada nas intersecções de raça e gênero e é ela quem melhor historiciza o trabalho doméstico em suas múltiplas contradições.

METODOLOGIA:

A metodologia usada ao longo de toda a pesquisa foi a de revisão bibliográfica da produção das autoras escolhidas para estudo (Roswitha Scholz, Cinzia Arruzza e Angela Davis) e de bibliografia relevante para o melhor entendimento de suas teses. No que se refere a investigação do pensamento de Cinzia Arruzza (2016), foi constatado que a autora faz parte do grupo que promove a Teoria da Reprodução Social, por esse motivo fez parte dessa pesquisa a leitura e debate de relevantes obras de outras pensadoras do grupo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Quanto aos resultados da pesquisa, foi constatado que Roswitha Scholz (1992) diverge fundamentalmente das outras autoras no entendimento de “valor” e “trabalho”. A estudiosa se filia à teoria crítica do valor, da revista *Exit!*, e desenvolve dentro desse pensamento o conceito de “valor-clivagem”, com a preocupação de teorizar o trabalho doméstico não remunerado realizado por mulheres dentro do lar, buscando as relações entre capitalismo e patriarcado. O esquema que elabora para responder a essa questão coloca à ideia de que essas tarefas de reprodução social estariam sendo realizadas por fora do valor e do trabalho, ela enxerga uma dissociação entre a esfera produtiva do capital e a esfera de “tarefas reprodutivas”. Dessa forma, as categorias do marxismo, para ela, não poderiam dar conta de explicar a reprodução social, em entrevista, ela diz:

Assumo que não é apenas o valor como sujeito automático que constitui a totalidade, mas que é preciso ter em igual conta a "circunstância" de que no capitalismo também existem actividades reprodutivas que são realizadas principalmente por mulheres. Neste contexto, **"dissociação-valor" significa que, na essência, as actividades reprodutivas específicas das mulheres, mas também os sentimentos, características e atitudes conexas (sensibilidade, emocionalidade, cuidado etc.) são dissociados do valor/mais-valia.** As actividades reprodutivas femininas no capitalismo têm assim um carácter diferente do trabalho abstracto. É por isso que não podem ser subsumidas sob este conceito sem mais; **são um lado da sociedade capitalista que não pode ser apreendido pelo sistema conceptual marxiano.**¹

No ensaio “O valor é o Homem” Scholz introduz suas ideias sobre o tema de patriarcado e capitalismo, ela critica o esforço de algumas feministas de “elevar” as

¹ (BARREIRA; LEITE; SCHOLZ, 2022)

atividades domésticas ao mesmo status que o trabalho abstrato, de acordo com ela, com a intenção de poder estudar a opressão da mulher na esfera privada a partir de categorias marxianas. Ela considera errôneo esse caminho, principalmente porque, alinhada com Robert Kurz, faz uma “crítica do trabalho” e não entende a categoria da mesma forma que os marxistas:

Uma saída para tal dilema poderia a meu ver ser oferecida por uma compreensão crítica da teoria de Marx que justamente não superestimasse o "valor", ou seja, a forma de representação do trabalho abstrato, diferentemente do marxismo cunhado pelos movimentos trabalhistas, o qual define o "trabalho" como característica do gênero humano (com o que concordam as feministas supracitadas). Pelo contrário, tratar-se-ia de uma crítica do "trabalho", que na qualidade de "consumo econômico-empresarial abstrato da força de trabalho e matérias-primas" se torna cada vez mais obsoleto e tem de ser posto em questão (R. Kurz).²

O “valor-clivagem” (ou “dissociação-valor”), então, é a solução teórica de Scholz para o dilema que se propõe a resolver. Ela enxerga toda “esfera reprodutiva”, que é na verdade o objeto de investigação dessa pesquisa, como uma sombra da “esfera produtiva” do capital, e não considera que as categorias de “valor” ou “trabalho” em seus sentidos marxianos são adequadas para o estudo das tarefas de reprodução da sociedade. Assim, propõe uma teoria dual, em que a exploração se separa da opressão.

Em oposição, a Teoria da Reprodução Social, representada aqui por Cinzia Arruzza, coloca em primeiro lugar que o trabalho humano está no centro na reprodução de qualquer sociedade. A preocupação das autoras da TRS é a produção de uma teoria unitária e marxista que dê conta de explicar as relações entre exploração e opressão em sua totalidade. Já se nota que inclusive a linguagem com a qual o problema é abordado diverge entre a TRS e o teorema de Scholz. No artigo *Funcionalista, determinista e reducionista: o feminismo da reprodução social e seus críticos*, Arruzza faz defesa da TRS contra seus críticos,

frequentemente aqueles que o criticaram não foram capazes de oferecer uma alternativa sólida e acabaram em impasses teóricos ainda maiores, exemplificados particularmente pelas teorias dos sistemas duplos e triplos. A noção de reprodução social tem o potencial de evitar esse impasse, enquanto, concomitantemente, propõe uma explicação não-reducionista do modo capitalista de produção, onde o capital não é visto como o sujeito de um processo estritamente “econômico”.³

Como foi registrado no relatório parcial de pesquisa entregue ao PIBIC, Cinzia Arruzza foi a autora escolhida na elaboração do projeto, mas foi constatado que não faria sentido deixar de estudar outras autoras que são expoentes da Teoria da Reprodução Social, entre elas Thithi Bhattacharya que, em seu artigo *O que é a teoria da reprodução social?*, faz a seguinte colocação:

A teoria da reprodução social mostra como a “produção de bens e serviços e a produção da vida fazem parte de um processo integrado”, como Meg Luxton coloca. Se a economia formal é o local de produção de bens e

² (SCHOLZ, 1992)

³ (ARRUZZA, 2016, p. 56)

serviços, as pessoas que produzem tais coisas são, elas mesmas, produzidas fora do âmbito da economia formal a um custo bem baixo para o capital. ⁴

A discussão entre Scholz e as defensoras da TRS se relaciona com o debate em torno da centralidade do trabalho humano para reprodução da sociedade, Roswitha Scholz desloca a discussão para que o centro se torne a valorização do valor e, depois, o “valor-clivagem”, de forma que o foco deixa de ser o trabalho de reprodução social e os sujeitos feminilizados, racializados e periféricos que se responsabilizam por ele. Todas as autoras aqui estudadas são contemporâneas e Scholz chegou a escrever ensaios debatendo com Cinzia Arruzza, Nancy Fraser e Tithi Bhattacharya, autoras do manifesto *Feminismo para os 99%*, em que pontua suas diferenças principalmente destacando seu entendimento de que o “velho marxismo” ficou ultrapassado, e não dá conta de explicar o estágio atual do capitalismo, bem como seu alinhamento com a perspectiva kurtziana de “crise do trabalho”:

Arruzza & C^a querem atrair as feministas para a armadilha de cola de um velho marxismo da luta de classes, enriquecido com o racismo, o sexismo, a ecologia e a reprodução nos mais diversos pontos de vista. Na necessidade resultante da actual situação histórica, em que o proletário "produtivo" se perdeu em grande parte, os serviços (sociais) são agora também sumariamente redefinidos como actividades proletárias, tal como se tornam proletárias as pessoas com emprego precário, os empresários individuais a nível de miséria e afins. Não se tem em conta o desenvolvimento histórico, da sociedade de classes para a sociedade de classe média e novamente para o declínio desta hoje em dia, não em último lugar mediado pelo desenvolvimento das forças produtivas. ⁵

Seguindo em frente, a contribuição de Angela Davis para esse debate se centra em torno de sua sensibilidade para pensar raça e classe quando discute os trabalhos de reprodução social. No livro *Mulheres, Raça e Classe*, Davis faz reflexão sobre os trabalhos produtivos e reprodutivos no contexto da escravização, apontando como se transformam essas relações dentro e fora das comunidades de escravizados e, também, para mulheres brancas e negras. A autora não desenvolve uma teoria própria sobre reprodução social, mas está alinhada com o uso de conceitos marxianos para essa discussão, sendo suas colocações complementares à TRS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A hipótese inicial de que o conceito de “valor-clivagem” poderia ser um fio condutor para pensar os trabalhos de reprodução social em uma perspectiva do feminismo marxista não se concretizou. Contudo, considera-se que a oposição entre o pensamento de Roswitha Scholz e das outras autoras foi produtiva para o entendimento e crítica dessas divergentes perspectivas, pois através da oposição se evidenciaram aspectos centrais de cada teoria.

⁴ (BHATTACHARYA, 2013, p.5)

⁵ (SCHOLZ, 2021)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARREIRA, Marcos; LEITE, Taylisi; SCHOLZ, Roswitha. Entrevista a Roswitha Scholz (2021) sobre o desenvolvimento da crítica da dissociação-valor. Revista Margem Esquerda – Ed. Boitempo, [S. l.], 28 fev. 2022.

SCHOLZ, Roswitha. O VALOR É O HOMEM. TESES SOBRE A SOCIALIZAÇÃO PELO VALOR E A RELAÇÃO ENTRE OS SEXOS, [S. l.], 1992. Disponível em: <http://www.obeco-online.org/rst1.htm>. Acesso em: 13 jul. 2023.

SCHOLZ, Roswitha. Luta das mulheres = Luta de classes como resposta à crise fundamental? O gênero mais uma vez como contradição secundária!? Crítica do manifesto "Feminismo para os 99%", 2021. Disponível em: http://www.obeco-online.org/roswitha_scholz36.htm. Acesso em: 26 jul. 2023.

ARRUZZA, Cinzia. Funcionalista, determinista e reducionista: o feminismo da reprodução social e seus críticos, 2016.

BHATTACHARYA, Tithi. O que é a teoria da reprodução social?, 2013.

DAVIS, Angela. Mulheres, Raça e Classe. Editora Boitempo, 2016.